

# OS BEBÊS E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

## Inícios de novas possibilidades

Gardia Vargas<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Maria Carmem Barbosa<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Resumo

Em nossas pesquisas com bebês, aprendemos, que as crianças desde muito cedo agem no mundo, reconfigurando os espaços sociais em que vivem e as relações que estabelecem com os outros sujeitos com seus modos específicos de ser, estar e se relacionar. Nesta perspectiva é preciso visibilizar seus modos de participação social para compreender como apresentam múltiplas expressões de pertencimento social. Porém, para que se tornem visíveis e cada vez mais potentes é preciso que as ações realizadas pelos bebês possam ser acolhidas e significadas positivamente em seus ambientes educacionais. Neste artigo procuramos relacionar a capacidade de ação e de estabelecer inícios no mundo dos bebês com base em Hanna Arendt e a perspectiva de uma educação que seja acolhedora e considere os bebês como sujeitos sociais com direito a participação ativa em sua própria educação.

### Introdução

Certamente, pensar nos mundos sociais dos bebês é um desafio de extrema relevância pois durante muito tempo eles foram socialmente e cientificamente invisibilizados (GOTTLIEB, 2012). Estudos acadêmicos tem revelado a competência dos bebês para agir socialmente na relação com seus pares e participarem ativamente de suas culturas. Porém, os bebês em seu estatuto social de recém chegados ao mundo ainda são vistos como seres incompletos e dependentes, que nada ou pouco sabem. Por serem considerados frágeis e indefesos considera-se que precisam ser socializados e aculturados pelos adultos, aqueles que já sabem e conhecem tudo. Esta visão de uma socialização exclusivamente vertical é a base de todo o projeto escolar.

Contrário a isso é a ideia de que todos somos seres incompletos e que, ao longo

---

<sup>1</sup> [gardia.vargas@gmail.com](mailto:gardia.vargas@gmail.com)

<sup>2</sup> [licabarbosa@ufrgs.br](mailto:licabarbosa@ufrgs.br)

de nossa vida, estamos sempre aprendendo e nos socializando ao vivermos em sociedade, nas relações que estabelecemos com o(s) Outro(s). Nessa perspectiva, adultos e crianças, juntos, constroem sua realidade e atuam sobre seus mundos, participando ativamente da cultura na qual estão inseridos. Portanto, incompletude, socialização e aprendizagem fazem parte da vida social de todos os seres humanos independentemente do fator idade. Neste sentido os processos de socialização são compreendidos como horizontais, como trocas e interações onde os papéis sociais nem sempre são fixos.

Culturalmente, devido à história das diversas concepções acerca da criança e da infância no percurso da humanidade, pouco se acredita, nas possibilidades de interação e participação dos bebês na vida social. Durante muito tempo, acreditou-se que entre os bebês não ocorressem interações significativas e que os mesmos não agissem sobre a cultura, sendo apenas receptores passivos da cultura onde estivessem inseridos. Porém esta visão vem sendo contestada.

As crianças, desde o primeiro momento de vida, estão atentas ao mundo que as circunda. “Distintas abordagens interpretativas tentam explicar o fenômeno 'infância' e suas especificidades biológicas, psíquicas, sociais e pedagógicas, entre outras. Contudo, nenhuma delas parece se opor à dimensão principiadora que a infância impõe” (LEAL, 2004, p.19). Conforme Hanna Arendt, a cada nascimento o *Ser* que chega ao mundo toma uma iniciativa, realiza uma ação que rompe com a continuidade do tempo. A autora aponta que nascer é estar em processo de chegar a ser, em processo de devir onde o recém chegado articula sua identidade em uma cadeia de inícios, ou seja, de ações e novidades, em suma é capaz de ação, sendo a educação, essencialmente, ação e criação de uma radical novidade.

A ideia de ação remete a presença do outro na nossa vida, nesse sentido insiste Arendt, a presença do outro permite que os seres vejam e sejam vistos, percebam e sejam percebidos, pois nossas ações se dirigem ao outro para mostrar quem somos. A autêntica ação transcende ao seu autor, faz parte de sua existência e se remete a uma façanha. A genuína ação, no autêntico atuar humano, só é possível em um cenário de pluralidade, isto é, de igualdade e distinção entre os homens.

Os bebês estão presentes no mundo antes mesmo de sua chegada efetiva que se dá no momento do nascimento, ou seja, desde que são descobertos em uma gestação, por uma família que os espera, os bebês já estão, virtualmente, em relação com seus familiares e, desta forma, quando se iniciam as relações concretas, já estão construídos

significados apoiados na cultura e no contexto do qual participam. Quando nascem, seus gestos e olhares interrogam o mundo e o adulto, convocando ao Outro e participando desse viver coletivo. O reconhecimento do bebê como ser potente desde seu surgimento intrauterino, quando inicia sua vida motora, se movimentando e se comunicando com os que fora da “barriga” o esperam, possibilita nos relacionarmos de uma outra forma com ele. Para Bruner (1995, p.24), “a interpretação e a negociação começam no momento em que a criança entra na cena humana.”

Ao afirmar-se que a criança carece de experiência, que necessita do auxílio adulto, que precisa ser protegida e guiada, que ainda não está preparada, considera-se a infância apenas como um período de ausência. Porém, o ser humano e, mais especificamente, as crianças têm questionado essa forma de conceber sua presença no mundo. É importante notar, ainda, que a ideia de educação da infância subjacente às nossas reflexões neste trabalho, é aquela que valoriza as subjetividades com suas singularidades e pluralidades, e a infância como uma condição da experiência humana. Conforme mostra Agamben (2008), a infância é tanto ausência, quanto busca de linguagem, é na infância que se dá essa descontinuidade especificamente humana entre o dado e o adquirido, entre a natureza e a cultura.

Nesse sentido, nossa visão de educação dos inícios, se contrapõe a específica visão de incompletude, de vir a ser. As crianças são, no presente, seres no mundo e, como afirma Arendt, ao chegarem irrompem com o existente e instauram algo novo, imprevisível. Torna-se necessário repensar as concepções de início às quais a infância e as crianças, e mais especificamente os bebês, têm sido usualmente relacionados, e lançar um olhar menos dirigido ao projeto ensinante e mais receptivo à novidade que cada criança, cada novo recém chegado, traz consigo e pode aportar ao mundo.

Reforçando essas ideias temos a contribuição das pesquisas acadêmicas realizadas em contextos de creche, isto é, a ambientes onde as crianças vivem com seus pares uma vida coletiva. Esses estudos têm desenvolvido a ideia de que crianças se apropriam, reinventam e reproduzem a cultura em que estão inseridas. Nesse sentido, as crianças são sujeitos ativos, que "negociam, compartilham e criam cultura com adultos e entre si" (Corsaro, 2011, p. 31). Contudo, estudos do tipo estado da arte sobre a produção bibliográfica na temática infância, creche e criança pequena têm nos mostrado que, em comparação com outros grupos etários, os bebês ainda são pouco estudados, ao menos nos campos pedagógico e sociológico (Furtado, 2013; Silva, 2013).

O presente artigo traz reflexões que vem se desenvolvendo nas discussões do

*Grupo de Estudos em Educação Infantil – GEIN – UFRGS, Brasil.* As pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelo grupo têm enfoque nas temáticas: educação de bebês, interação, corpo, formação docente e cotidiano da educação infantil. Todas as pesquisas realizadas pelo grupo têm abordado a educação dos bebês em espaços de vida coletiva e são de grande relevância para a área. Os pesquisadores do grupo Guimarães (2011), Gobbato (2011), Martins (2013), Fochi (2013), Vargas (2014), Simiano (2015), Pereira (2015) entre outros, apontam como pode ser a docência com os bebês, a organização da jornada, dos espaços, bem como interpretam as ações das crianças e as dos educadores.

### **Ser, Estar e Agir no Mundo: educação e participação**

Receber os novos seres e se responsabilizar por eles e pelo mundo é fundamental, e já não pode mais esperar; torna-se imprescindível rever antigas formas do que se considera introduzir as crianças na cultura e na sociedade, pois conforme Biesta (2013) é preciso mais que garantir a chegada e introdução dos novos ao mundo, permitir que se tornem “presença”, participando e agindo em sua mundanidade. Entretanto, só podemos nos tornar presença e termos consciência de nosso estar no mundo quando nos reconhecemos parte de um mundo permeado por pluralidades e diferenças, sendo participantes ativos na constituição desse viver coletivo.

O conceito historicamente construído de educação, que ainda hoje se apoia nessas ideias de incompletude, de transmissão, está relacionado às práticas educativas às quais as crianças são submetidas. Neste contexto é que elas estão sendo educadas também, com práticas socializadoras verticalizadas, que não respeitam suas necessidades, suas vontades e, mais que isso, não conhecem suas possibilidades. Por trás dessas concepções, e como resultado da aplicação dessa metodologia universal, que vê a inteligência dessa forma, está toda uma lógica que se constituiu no Ocidente, de uma linearidade, ou seja, de um pensamento em termos de uma sucessão de causas e efeitos. Nessa perspectiva a lógica é simplificadora, na medida em que exclui sempre uma terceira possibilidade – “se isto é assim não pode ser aquilo”. Então, o professor que é o mestre explicador, ao analisar a criança e como ela compreende, não consegue abrir espaço para perceber outros fatores envolvidos no ato de conhecer dos bebês e as crianças pequenas, como uma vontade autônoma, um desejo que se move em busca de novidades e, como “pano de fundo”, as experiências que ocorrem no aprender.

Uma lógica que contrapõem esses princípios de linearidade seria uma

lógica circular, como o exemplo viver/conhecer/viver. Mas qual poderiam ser as formas de uma educação/pedagogia emancipadora? O que propõe uma pedagogia em participação? As respostas ainda carecem de investigação. Nesse sentido, se faz necessário um investigar que deve se pautar na experiência vivida de quem aprende, exercício necessário que deve começar por estimular a vontade, o gosto e a imaginação de todos os envolvidos com a educação dos bebês e as crianças pequenas, sempre considerando que a base de toda a educação são as relações humanas, o estar com o outro num mundo de pluralidades.

### **Considerações Finais**

Nesse sentido, em nome da preservação de que o novo seja de fato novo, é preciso que a educação não tenha a pretensão de formar e produzir tal novidade se tornando instrumento de antecipação e controle de toda renovação desejada. Uma vez que é inerente à própria condição humana transformar-se em um mundo antigo, “preparar uma nova geração para um mundo novo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo” (ARENDT, 2002, p. 226). Educar não é fabricar um ser humano novo, e nenhuma forma de educação nesse sentido, vai conseguir preservar a possibilidade de que eles tragam a novidade a política. Ao longo da história o exercício do poder dos adultos sobre as crianças generalizou-se e ganhou nos processos educativos fortes aliados e consistência. As crianças têm sido educadas muito mais para a submissão às regras de um mundo adultocêntrico do que para sua própria formação. Receber os novos seres e se responsabilizar por eles e pelo mundo é fundamental, e já não pode mais esperar; torna-se fundamental rever antigas formas do que se considera introduzir as crianças na cultura e na sociedade, pois conforme Biesta (2013), é preciso mais que simplesmente garantir a chegada e introdução dos novos ao mundo, permitindo que se tornem “presença”, participando e agindo em sua mundanidade. Entretanto, só podemos nos tornar presença, termos consciência de nosso estar no mundo, quando nos reconhecemos parte de um mundo povoado por outros seres que não são como nós. Sendo assim, um aspecto importante de ser superado, diz respeito à invisibilidade que os bebês de zero até dois anos possuem social e culturalmente. Essa invisibilidade no âmbito educacional é percebida a nível macro, nas políticas públicas para a educação infantil, e a nível micro, nas práticas das instituições dedicadas à infância. Buscando contrapor essas concepções compartilhamos da ideia de Barcena e Mèlich (2000) de que a

pedagogia necessita hoje, na contemporaneidade, mais do que nunca levar a cabo uma reflexão da cultura na qual se inserem suas concepções de educação e seus discursos, além da convicção de que não é possível seguir pensando a educação e a formação dos homens como se nada do que vem acontecendo com a humanidade, com o meio ambiente e com a sociedade, tivessem a menor importância para as práticas sociais, incluindo a prática da educação.

A Pedagogia, desde seu surgimento, é a área que se dedica a formar as crianças para “viverem em sociedade”. Desta forma, a educação que se dedica a formar para esse viver comum ocorre na medida em que o Outro, as crianças, são vistas como *presença* e suas possibilidades de ser e estar no mundo são o centro das práticas. A preocupação se mistura com as ocupações do cotidiano das escolas, que dão sustentação às ações das crianças e dos adultos que compartilham os espaços de vida coletiva. Conforme nossa compreensão, os modos de ocupação e de preocupação constituem a ação de educar. Educação, então, é assumida como cuidar, no sentido de ajuda, de estar junto com o outro, de solicitude. É um *estar-com* de maneira atenta, não nos deixando banalizar pelo cotidiano em sua mesmice. Significa *com-viver* no mundo onde se é com o Outro. É viver na abertura das possibilidades do *ser-ai-no-mundo-com*, de modo preocupado e ocupado, diferente do estar com todos e não estar com ninguém. No mundo da educação é preciso cuidar, importar-se de maneira responsável, comprometida e solícita com o que ocorre conosco e com o outro com quem somos e estamos.

## Referência

- BARCENA F. & MÉLICH Joan-Carles. La educación como acontecimiento ético: natalidade, narración y hospitalidad. Barcelona: Paidós, 2000.
- BIESTA, Gert. Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FURTADO, Michelle Abreu. *Creche, bebê e primeira infância: uma revisão* GOTTLIEB, Alma. Tudo começa na Outra vida. A cultura dos recém-nascidos no oeste da africa. Editora FAP-UNIFESP, 2012.
- LEAL, Bernardian. Leituras da Infância na Poesia de Manoel de Barros. In: Lugares da Infância. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.